

190 MKR 04 13p

Minas

SEXTA-FEIRA, 28/5/1993 □ PÁGINA 13

ALERTA NA ALDEIA PRADINHO

Cólera provoca morte de mais um maxacali

Quatro índios já morreram e a crença de que a água é santa transforma-se em obstáculo no combate à doença

NALU SAAD E ANTÔNIO COTTA

ENVIADOS ESPECIAIS

PRADINHO

— A índia Ana Derli Maxacali, 86 anos, morreu ontem às 9h30, vítima da cólera, no Hospital Municipal de Governador Valadares.



Com sua morte, sobe para quatro o número de vítimas fatais da doença entre os índios da aldeia do Pradinho, que registra um total de 26 casos da doença até agora. Ana Derli estava internada há quatro dias no hospital São Vicente de Paula, em Águas Formosas, com diarreia e vômitos. O quadro clínico da paciente se agravou com complicações renais provocadas pela cólera. A maxacali foi transferida para o hospital em Valadares na tarde de quarta-feira, por haver ali mais recursos, mas não resistiu.

O combate à cólera tem como principais rivais a falta de saneamento básico e a desinformação da população. Em Minas Gerais, município de Bertópolis, mais precisamente nas aldeias dos índios maxacali, a luta contra a doença encontrou novas barreiras; as crenças e tradições da raça. Na teoria dos maxacali a água é santa, e mesmo diante da possibilidade de o córrego que corta a aldeia estar contaminado, eles continuam nadando, pescando e lavando suas roupas no local.

A cólera entre os maxacali de Pradinho já fez quatro mortes, provocou nove internações e 26 casos foram confirmados. As três primeiras vítimas foram fatais — uma mulher, um homem e uma

criança da mesma família. A previsão da própria Funai é de que novos casos serão registrados nos próximos dias. Os 720 índios maxacali se dividem em duas áreas do município — Pradinho e Água Boa —, que são separadas por 70 hectares de fazendas. As famílias moram em pequenas aldeias com distâncias de até um quilômetro uma das outras, o que não impediu a disseminação da doença, pois elas estão em sempre contato.

Os índios estão em constante movimento e alguns, temendo a contaminação, mudaram-se do Pradinho para Água Boa. Isso, apesar de a Fundação Nacional do Índio (Funai) e os técnicos da Diretoria Regional de Saúde (DRS) em Teófilo Otoni estarem orientando os maxacali a não deixarem o local. Em solidariedade, a tribo de Água Boa visita os doentes de Pradinho e coloca em risco os maxacali não contaminados pelo vibrião, além das populações próximas às aldeias.

O peixe está para os índios assim como carne a para os "brancos". Com ajuda de tarrafas, eles entram sem receio no córrego Pradinho para pescar lambaris. Até as crianças são incluídas nesta tarefa. "Eles sempre pegaram água no córrego e os que moram mais distante continuam fazendo isso", explica o médico da Funai Jorge Eduardo Tavares.

Foi distribuído aos índios hipoclorito de sódio para que eles o coloquem na água, mas muitos estão errando na medida. "Colocamos 20 gotinhas do remédio na água", conta Rafael Maxacali, 21 anos, o único bilingüe da aldeia. A coordenadora da Vigilância Epidemiológica da Secretaria do Estado da Saúde, Jandira Campos, se assustou com essa revelação. "Devem estar bebendo uma água com gosto horrível", afirmou.



O corpo da índia Ana Derli seguiu ontem para a aldeia dos maxacali em Pradinho



Em frente à sede da Funai na aldeia Pradinho os maxacali fazem trocas e pegam mantimentos

O SEPULTAMENTO

O traslado do corpo da índia Ana Derli Maxacali foi providenciado ontem mesmo pela Fundação Nacional do Índio (Funai) para a aldeia do Pradinho, no Vale do Jequitinhonha e será entregue aos familiares para os rituais tradicionais. Isso, apesar de o Ministério da Saúde determinar que as vítimas da cólera não sejam veladas e o sepultamento observe normas específicas. Mas no caso dos maxacali essas determinações não são seguidas à risca em função da crença dos índios. Uma delas é de que o corpo não

pode ser tocado após a morte. Eles também não fazem o enterro sem antes velar o corpo. O Ministério da Saúde determina que todos os orifícios da urna e local do sepultamento sejam vedados, mas sendo um maxacali, não se sabe exatamente como isso é feito, pois eles não permitem que estranhos assistam ao ritual. Os índios também não gostam de falar de quem morreu. O receio dos mortos é tamanho que eles só vão ao cemitério deles para o sepultamento e evitam depois passar pelo local.

Rituais de cura são suspensos

PRADINHO — Na ótica dos maxacali a cólera é um mistério. Vítimas de diversas doenças dos "brancos", eles afirmam que nunca enfrentaram nada como a cólera. Não sabem explicar de onde vêm a dor de barriga e os vômitos. "Quando o índio come muito, mistura melancia e outras coisas, vai comendo sem parar, ele vomita e fica com dor de barriga, aí toma remédio do mato e sara. Essa doença é diferente", explica Rafael Maxacali.

O "remédio do mato", ou seja, as raízes que usam para diversas curas, não surtiu efeitos contra a cólera e, depois da morte de quatro índios da aldeia, ao primeiro sinal de diarreia os maxacali, literalmente, correm ao posto médico mantido pela Funai na sede da tribo. O medo de morrer venceu a resistência inicial aos remédios, porém, eles ainda não admitem que a água pode ser a principal origem do mal.

"A água que provocou a doença foi bebida na Bahia, mas que a da tribo é boa", garante Pauleno Maxacali. Cólera na língua maxacali ganhou outro nome: "Kõnãg Kummumk", traduzindo para o português: "água ruim".

Discriminação e rancor

PRADINHO — A discriminação dos moradores dos vilarejos, distritos e municípios contra os maxacali é evidente, segundo os missionários Ronaldo Cruz de Lima e Adair Gomes. O fato de a cólera estar chegando à região com auxílio dos maxacali — que se contaminaram em Teixeira de Freitas, na Bahia — aumentou a discriminação e o rancor de muitas comunidades contra os índios, segundo o Ronaldo Lima.

Ele relembra que quando chegou à região para trabalhar com os maxacali sentiu a aversão da população de Ibatanga, onde morava. Agora, Lima e sua família moram em uma fazenda mais perto da aldeia. "Poucos na região se penalizam com as dificuldades enfrentadas por este povo. Na verdade, muitos até admitem que preferiam vê-los mortos", revela Lima.

Por causa da cólera, os moradores de Ibatanga planejam proibir a entrada dos índios no vilarejo amanhã e nos próximos sábados. É no sábado que os índios vão ao vilarejo fazer compras na feira. Lima ficou sabendo dos

Na verdade a rapidez com que a cólera age mudou alguns hábitos mais tradicionais dos índios. Não há tempo nem para os rituais de cura, comuns quando algum deles adoecer. Mesmo que houvesse, hoje isso seria impossível, pois o local onde eram feitos estes rituais foi queimado, já que a tradição manda queimar tudo com que o índio morto teve contato. Até as plantações são arrancadas.

Mais difícil ainda é inserir cuidados higiênicos na vida dos maxacali, pois são praticamente primitivos. Eles defecam e urinam em qualquer lugar, à mercê da necessidade. "Senti vontade, ele entra no mato ou outro lugar um pouco mais escondido e faz sua necessidade", explica o missionário Ronaldo da Cruz Lima, que mora há um ano e meio próximo às aldeias para estudar o idioma dos maxacali. As famílias de Lima e do outro missionário Adair Gomes vieram do Pará para Minas Gerais com apoio da Missão Novos Índios do Brasil. "Aqueles contaminados pelo vibrião colérico chegavam a defecar na roupa", completa.

planos para vetar a entrada dos maxacali na quarta-feira e está repudiando esta decisão. Os boatos indicavam que a Polícia Militar participaria do cerco, mas o posto da polícia em Ibatanga negou que soubesse de alguma coisa ou que existe algum plano para barrar a entrada dos índios no vilarejo.

Lima denunciou que há cerca de dois meses a polícia fez uma blitz na saída da aldeia, tomando facas e facões dos índios que iam para o vilarejo. Ele discorda desta medida, alegando que estas armas brancas não são vistas como "armas" pelos índios. "Todo índio, mulher ou homem, carrega uma faca quase como um acessório, eles se sentem nus sem a faca ou facão", explica Lima. Por isso, ele duvida que um maxacali ataque algum branco.

Segundo o missionário, os maxacali são explorados pelos vizinhos, que lhes vendem cachaca a preços bem acima do cobrado normalmente, apesar da lei que proíbe a venda de bebidas alcoólicas aos indígenas.



Dois maxacali nos caminhos da aldeia em tempos de cólera. Missionários que trabalham com os índios dizem que a discriminação contra eles é flagrante

Ariscos e sem comunicação

PRADINHO — Outra dificuldade é a comunicação com os maxacali. A maioria dos índios, adultos e crianças, não fala o português ou só entende algumas poucas palavras. Por isso, os técnicos da Saúde precisam constantemente de tradutores. Reservados e ariscos estes índios não revelam muito, a não ser com interferência de pessoas da confiança deles.

Por isso, a busca ativa dos casos de diarreia nas glebas é feita diariamente por um funcionário da Funai e não por um funcionário da vigilância epidemiológica. Carlindo Ferreira Neves nasceu entre os maxacali, domina o idioma deles, e é da total confiança dos índios. Essa confiança fica evidente através do acesso que Carlindo tem aos rituais, o que é muito difícil.

Conversando diariamente com cada índio da aldeia, Carlindo percorre as casas de sapé, dá orientações para evitar a cólera, explica sobre a doença, distingue diarreia comum de cólera e orienta os maxacali a procurarem um posto médico ao primeiro sintoma. Carlindo reconhece que os índios estão assustados e, conversando, tenta também tirar o temor deles.

Ele conta que alguns índios vão até a sede buscar água, depois que conseguiu convencê-los de que a água do reservatório é boa. O reservatório tem sete mil litros, o suficiente para atender todas as glebas. A Funai tem também levado esta água até as aldeias mais distantes com ajuda de um carro, para evitar que os índios usem a do córrego.

Autor de sua própria história

PRADINHO — Quem também colabora na comunicação com os maxacali é Rafael Maxacali, que domina o português e o próprio idioma. Rafael anda diariamente com um caderno e uma caneta na mão, escrevendo fatos diários da aldeia. O material, ele quer transformar em um livro. O índio revelou que a epidemia de cólera que os atingiu fará parte da história da tribo em Pradinho. Ele é também monitor na alfabetização dos maxacali.

O projeto de alfabetização da Funai é bilingüe, isso é, visa ensinar o idioma maxacali como língua principal e o português como segunda opção. Já existem alunos alfabetizados até a terceira série, mas a Funai não quer im-

por essa alfabetização, por isso, as professoras trabalham de acordo com a vontade do índio. A programadora de educação Arlene Vilela explica que, às vezes, os índios passam dias e até meses sem comparecer à aula. "Queremos que eles aprendam por vontade própria e que vejam a alfabetização como recurso para se defenderem dos brancos", explicou.

Arlene considera importante o trabalho do índio Rafael, uma vez que não há praticamente trabalhos literários no idioma maxacali. Ela acha que o livro será mais uma ajuda na alfabetização. Arlene lamenta também que ainda não existam acervos sobre a tradição cultural desta raça.